

# REFLEXÕES ACERCA DA LINGUAGEM E IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE

---

**Aline Cavalcante Ferreira**

Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Roraima - IFRR  
Mestranda em Letras – Programa de Pós-Graduação em Letras - UFRR  
aline@ifrr.edu.br

## RESUMO

Considerando a linguagem como um dos principais elementos constitutivos da identidade, o presente estudo objetiva apresentar reflexões teóricas acerca de linguagem e identidade, tomando como base o contexto socio-histórico da pós-modernidade. Parto de um esboço geral da relação entre linguagem e identidade na pós-modernidade à luz dos preceitos teóricos de Saussure, Bakhtin, Stuart Hall, dentre outros, na tentativa de estabelecer uma breve relação entre os objetos de estudos.

## PALAVRAS-CHAVES

linguagem. Identidade. Pós-modernidade.

## ABSTRACT

*Considering language as a major constituent elements of identity, this study aims to present theoretical reflections on language and identity, based on the socio-historical context of postmodernism. Start with a general outline of the relationship between language and identity in post-modernity in the light of Saussure, Bakhtin, Stuart Hall, among others, theoretical precepts in trying to establish a brief relationship between the objects of study.*

## KEYWORDS

*Language. Identity, Postmodernity.*

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*“No princípio era Logos, a Linguagem” (Jo 1,1). “E a Linguagem disse: façamos o homem a nossa imagem e segundo nossa semelhança” (Gn 1,26). “Todas essas coisas foram feitas pela Linguagem e sem ela nada se fez de tudo que foi feito” (Jo 1,3). “E a Linguagem se fez carne, armou sua tenda entre nós e vimos sua glória” (Jo 1,14).*

Desde o princípio da existência humana, o homem se interessa pela linguagem, sendo esta parte inerente da sua vida. É por meio da linguagem que o ser humano organiza seu pensamento de forma a expressar compreensivelmente seu discurso nas interações sociais.

O interesse por investigar a linguagem, compreender como se dá sua aquisição e seu funcionamento existe desde a Grécia Antiga. “As pessoas vêm estudando a linguagem desde a invenção da escrita e, sem dúvida, muito antes disso também” (WEEDWOOD, 2002, p. 17). Atualmente, a linguagem é objeto de reflexão e investigação de diferentes áreas de conhecimento, tais como a Antropologia, Filosofia, Linguística Aplicada, Psicologia, Sociologia, entre outras. A razão desse interesse talvez possa ser atribuída ao fato da humanidade passar a compreender que “é a linguagem que proporciona o caráter distintivo aos homens” (LYONS, 1987, p. 16).

Para Eni Puccinelli Orlandi, a linguagem ajuda a constituir o mundo em que vivemos. “A linguagem não é só instrumento do pensamento ou instrumento de comunicação. Ela tem função decisiva na constituição da identidade” (ORLANDI, 2009, p. 57).

Neste sentido, complementa Luis Paulo da Moita Lopes, “o que somos, nossas identidades sociais, portanto, são construídas por meio de nossas práticas discursivas com o outro” (MOITA LOPES, 2002, p. 32). Isso reforça que o sujeito, ao se enunciar, colabora na construção da sua identidade e de seus interlocutores, mas é também, influenciado por eles. Existe aí uma relação de trocas.

Linguagem e identidade demonstram ter relações inquestionáveis, quando se pensa o que a fala pode revelar do falante. Desde o grau de conhecimento

do idioma, que pode determinar a aparência social, até as reações psicológicas como a timidez ou a inibição, passam pelo modo como se usa a língua e a fala.

Considerando a linguagem como um dos principais elementos constitutivo da identidade, o presente estudo tem por objetivo apresentar reflexões teóricas acerca de linguagem e identidade, tomando como base o contexto socio-histórico da pós-modernidade.

Cumprе ressaltar que a noção de pós-modernidade utilizada é a de um período histórico específico, compreendida por Terry Eagleton como “uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a idéia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação”. (EAGLETON, 1998, p. 7).

## A NOÇÃO PÓS-MODERNA DE LINGUAGEM

*“Ainda que tivéssemos mil olhos e mil ouvidos, mil mãos e mil outros sentidos e órgãos, se, porém, a nossa essencialização não consistisse no poder da linguagem, permanecer-nos-ia fechado e vendado todo ente; o ente que nós mesmos somos não menos do que o ente nós mesmos não somos.” (Heidegger)*

O século XX poderia ser chamado do “século da linguagem”, pois nele os estudos sobre a linguagem tomaram a forma que têm hoje. A linguística se tornou uma ciência dando maior ênfase ao estudo da linguagem em si mesma e ao seu caráter sociocultural. As novas orientações linguísticas estiveram representadas pelo estruturalismo de Ferdinand de Saussure, na Europa, e Leonard Bloomfield, nos Estados Unidos.

Foi a partir dos estudos de Saussure que a linguística ganhou um objeto próprio: a língua, conceituada por ele como um “sistema de signos”. O estruturalismo saussureano estabelece uma série de definições e distinções sobre a natureza da linguagem, que podem ser resumidos nos seguintes pontos: 1. a diferenciação de língua (um sistema social) e fala (individual); 2. a consideração do signo linguístico (significante/significado); 3. a distinção entre sincronia (o estado atual do sistema da língua) e diacronia (os diferentes estados da língua em evolução) (ORLANDI, 2009).

Outro importante movimento da linguística, no século XX, foi a distinção de competência e desempenho (semelhante à dicotomia *língua-fala* de

Saussure) feita pelo americano Avram Noam Chomsky. Segundo ele, competência diz respeito ao conhecimento que uma pessoa tem das regras de uma língua e, desempenho refere-se ao uso efetivo desta língua em situações reais. Para Chomsky, a língua era um conjunto infinito de frases e o falante ideal, a partir do conhecimento que tem da sua estrutura, teria capacidade de compreender, reproduzir e criar novas frases (WEEDWOOD, 2002; FREITAS, 2008).

Percebe-se que os estudos, até esse momento, preocupavam-se em organizar as unidades fonológicas, morfológicas e sintáticas. No entanto, na segunda metade do século XX, começa-se a dar importância às questões de significação, ou seja, os estudos da linguagem passam a ser centrados no uso da linguagem e nas condições de sua real produção, tal como se compreende a Pragmática.

Bárbara Weedwood (2002) informa que a pragmática pesquisa os elementos que regem nossas escolhas linguísticas na interação social e os efeitos de nossas escolhas sobre as outras pessoas. Logo, a linguagem, em um novo posto de observação, é considerada como forma ou processo de interação. Segundo Travaglia,

[...] o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão-somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). A linguagem é, pois, um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre inter-locutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. Os usuários da língua ou interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e “falam” e “ouvem” desses lugares de acordo com formações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais (TRAVAGLIA, 2002, p. 23).

Desta forma, o sentido é pensado como intenção do falante, que ele comunica ao ouvinte, na medida do reconhecimento da intenção que teve. O sujeito da linguagem é tomado como dono de suas intenções, precedendo o seu próprio dizer, ou seja, considera-se que falar é fazer algo.

De acordo com a teoria da enunciação, a comunicação é apenas uma consequência de uma propriedade mais fundamental da linguagem: a constituição do sujeito. O falante ao dizer algo se propõe como sujeito. O importante neste processo de enunciação é “a forma pelo qual o sujeito se marca naquilo que diz.” (ORLANDI, 2009, p. 56). Algumas palavras, quando utilizadas pelo sujeito, como por exemplo, “eu”, “não”, “talvez”, “juro” etc., demonstram

como o sujeito se relaciona com o que diz e com a situação de que participa. É através da linguagem que o sujeito se expõe, se posiciona, interage com o outro, ou seja, se constitui. Nesta perspectiva, a linguagem não é apenas um instrumento de pensamento ou instrumento de comunicação. Ela tem função decisiva na constituição da identidade. (FREITAS, 2008).

Mikhail Bakhtin vê o diálogo como algo que se realiza com palavras. Ele parte do pressuposto de que todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da língua e que, é na interlocução e na interação que ela se efetiva como prática social. Na realidade, o ato de fala, ou mais exatamente, seu produto – a enunciação – não pode, de forma alguma, ser considerado como individual, pois é na interação com o outro que a linguagem se constitui.

Neste sentido, Heloísa Augusta Brito de Mello informa que a linguagem “não é apenas um mero produto de ação social, mas um elemento constitutivo da própria espécie, capaz de mediatizar as relações humanas e de transformar a realidade natural e social [...]” (MELLO, 1999, p. 96). Dessa forma, a linguagem se constitui mutuamente com a sociedade, ou seja, ela é resultado de um ato individual do sujeito, derivada das suas relações sociais, por meio das quais as condições de produção da fala não são apenas complementos, mas elementos constitutivos do discurso.

Atualmente, as questões referentes à utilização da linguagem passaram a ser investigadas pela Linguística Aplicada. Para tanto, a LA faz uso não somente dos conhecimentos teóricos produzidos pela Linguística, mas, acima de tudo, dialoga com as descobertas de uma variedade de campos tais como a Antropologia, a Psicologia, a Sociologia, entre outros, mantendo, assim, uma forte característica multidisciplinar.

Neste contexto, a linguagem passou a ser percebida como elemento indispensável para a mediação homem/mundo e, também, para que o homem possa conhecer a realidade em suas várias formas, tornando-se um dos importantes elementos constitutivos da identidade, ou seja, “as línguas são a própria expressão das identidades de quem delas se apropria” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 69). Sendo assim, percebe-se existir um consenso no que diz respeito ao entendimento da linguagem como elemento constitutivo da identidade.

Le Page afirma que “todo ato de fala é um ato de identidade” (LE PAGE *apud* BORTONI-RICARDO, 2005, p. 176), pois ao utilizar a linguagem na interação, o sujeito realiza escolhas linguísticas, consciente ou não, de acordo

com o grupo, com as regras sociolinguísticas desse grupo, com as motivações conflitantes e com a habilidade de modificar seu comportamento. Desta forma, sujeito e interlocutor influenciam-se mutuamente e vão (re)construindo-se. Ao interagir, o sujeito procura identificar-se com o grupo de referência e dele receber ratificação e aprovação.

Falar em linguagem traz à tona o debate sobre a questão da identidade, um terreno movediço não só pela sua complexidade, mas pela ampla diversidade do termo.

## **A NOÇÃO PÓS-MODERNA DE IDENTIDADE**

“Muitas são as coisas estranhas, nada, porém, há de mais estranho do que a identidade humana” (Sófocles).

O conceito de identidade é relativamente novo na história da humanidade. Surgiu no Iluminismo e vem sendo amplamente discutido devido, principalmente, à mudança das “velhas identidades”, que por tanto tempo foram consideradas estáveis e, agora estão em decadência, dando lugar a novas identidades, tornando o indivíduo moderno fragmentado. Com isso, conforme aponta Stuart Hall, a sociedade moderna apresenta abalos dos “quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2006, p. 7).

Seguindo a argumentação de Hall, pode-se dizer que a identidade torna-se um problema ainda mais relevante num contexto em que as identidades não mais se referem a grupos fechados ou a identidades étnicas. Num mundo instável – numa sociedade de risco (BECK, 2003), numa modernidade líquida (BAUMAN, 2001) – as identidades também se tornam instáveis e híbridas.

Hall, ao teorizar sobre a identidade, distingue três concepções diferentes, cada uma equivalente a um período histórico – sendo reflexo de um momento social e de formas de pensar específicas de sua época. O autor aborda o sentido de identidade desde o sujeito iluminista (indivíduo unificado), passando pelo que denominou sujeito sociológico (constituído na interação do eu e da sociedade) e, finalmente, o sujeito pós-moderno.

Com o sujeito pós-moderno, a identidade deixa de ser fixa, essencial ou permanente. Através do processo de globalização econômico, social e cultural,

o sujeito entra numa condição de socialização pós-moderna. Integra-se e interage com outras sociedades, culturas e “mundos.” A identidade passa ser uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente. O sujeito assume identidade diferentes em diferentes momentos; identidades que não unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, puxando em diferentes direções, de tal modo que as nossas identificações vão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006).

Neste sentido, Déborah Freitas informa que “todas as identificações que possuímos se mixam formando nossa identidade. Identidade portanto híbrida, que cria um sujeito multifacetado, o qual a cada momento traz para o primeiro plano uma ou outra identificação, dependendo da situação interacional” (FREITAS, 2008, p. 103). Este pensamento vai ao encontro da proposta de Le Page, a qual o sujeito utiliza-se das variantes linguísticas na interação, de acordo com o seu grupo de referência, desta forma expressa as suas distintas identidades.

Formular questões em torno deste assunto, segundo Hall, é pressupor que existe uma crise de identidade no mundo moderno. A identidade se torna uma questão exatamente quando está em crise, ou seja, quando experiências de dúvida e incerteza deslocam algo que se entendia como coerente, estável e fixo. As mudanças sociais, culturais, econômicas, políticas e tecnológicas pelas quais o mundo vem passando, parecem provocar essa crise.

De acordo com Zigmund Bauman (2005), a identidade perdeu as âncoras sociais que faziam-na parecer natural, o que caracteriza os indivíduos da atualidade é a eterna busca por um “nós”. As identidades herdadas como raça, gênero, local de nascimento ou classe social agora já não tem tanta importância. Estão sendo diluídas e alteradas. E ao mesmo tempo as pessoas buscam novos grupos de pertencimento. Bauman, assim como Hall, afirma que, na sociedade atual, a identidade dos indivíduos não é algo estático, mas se constrói no decorrer da vida do sujeito. No entanto, quando se fala de um sujeito moderno, que se constrói na interação eu/sociedade, é preciso ressaltar que existem algumas características inerentes ao sujeito, ou seja, há de se considerar que algumas peculiaridades são constitutivas e inatas do indivíduo, e portanto, ao entrar em contato com a sociedade, esse irá se formar e transformar de maneira diferenciada de seus pares.

Dessa forma, entende-se que a formação das identidades é influenciada pelos aspectos externos, principalmente pela sociedade em que o sujeito está inserido, no entanto, sempre existirá algo de individual nas suas escolhas. A formação ou transformação das identidades está intrinsecamente ligada às mudanças que esta sociedade tem sofrido. Nesse sentido, acredita-se que a linguagem faz parte desse ‘algo individual’ a que me referi anteriormente, tendo em vista o sujeito optar, de acordo com o contexto, por determinadas variantes linguísticas.

No conceito de identidade estar implícito o conceito de diferença, pois definir identidade é mostrar diferenças. Este não é um pensamento recente, já dizia Platão: “O uno, diz Heráclito, se reencontra consigo mesmo, ainda quando tende a diferença” (PLATÃO *apud* BUZZI, 2002, p. 25).

A ideia de relacionar identidade e diferença aparece no trabalho de Tomaz Tadeu Silva (2000) que definiu, inicialmente, *identidade* como sendo aquilo que se é; e a *diferença* como aquilo que o outro é. Sendo assim, identidade e diferença estão em uma relação de dependência, são, pois, inseparáveis. Conforme o autor, além de serem interdependentes, identidade e diferença são criações da linguagem, ou seja, são representações. Interagindo com Saussure – segundo o qual a linguagem é, fundamentalmente, um sistema de diferenças – ele explica que os signos da linguagem têm significação apenas quando em relação a um conjunto de outros signos que lhe são opostos (‘ser isto’, significa ‘não ser isto’, ‘não ser aquilo’).

Nesta perspectiva, Silva afirma que “identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística” (SILVA, 2000, p. 76). Quando se nomeia, realiza-se um ato de predicação, ou seja, sempre que nomeamos, atribuímos simultaneamente uma característica (adjetivo, predicativo, complemento nominal). E com isso, identificamos e diferenciamos. Assim, a nomeação é um ato que identifica, sendo também um ato que diferencia. Se o nome é a base para que a identidade surja, é ele quem diferencia as coisas e seres no mundo. A identidade e a diferença, segundo a proposta de Silva, acontecem simultaneamente sendo um produto de um mesmo processo: o da identificação. Por trás de uma identidade existe sempre ao menos uma negação. E a diferença sempre nega várias afirmações. Então, dizer que se é algo ou se identificar sob um nome significa negar e esconder vários outros que, de imediato, não aparecem.

## CONSIDERAÇÕES

Identificar parece ser uma preocupação da linguagem e do conhecimento. Conhecemos quando identificamos as coisas e as nomeamos. Dar nomes é revelar existências, é exercer domínio e manifestar conhecimentos.

Segundo os pressupostos de Freitas, e concordo com essa concepção, “a língua é um dos elementos mais apontados e cobrados como característica de identidade” (FREITAS, 2008, p. 105). É através da linguagem que identificamos, na maioria das vezes, a nacionalidade, a classe social, a escolaridade do sujeito. Entretanto, não podemos esquecer que a língua é um entre muitos traços identificadores.

Dentre as características que nos diferenciam de todas as outras espécies, a capacidade que possuímos de interagir no meio social através da linguagem parece ser a mais notável de todas, pois é justamente esta habilidade que torna possível a interação com outros interlocutores na construção do conhecimento.

Entendo que nesse processo da (re)construção homem/ mundo, a linguagem ocupa um lugar central, por sua capacidade dialógica, pois a identidade também é construída a partir das práticas discursivas nas interações do sujeito. Contudo, o processo de construção, afirmação e reconstrução da identidade é muito amplo e complexo que engloba aspectos relacionados ao nosso pertencimento cultural, étnico, racial, religioso, regionais e/ou nacionais e, não só linguístico; é um projeto sempre incompleto, tendo em vista a identidade ser flexível e as atitudes da sociedade serem mutáveis e readaptáveis. Como dizia Sartre<sup>1</sup>, “Somos um eterno ‘tornar-me’, um vir-a-ser que nunca se completa”.

---

1 Jean-Paul Charles Aymard Sartre foi um filósofo, escritor e crítico francês.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira, 9 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- \_\_\_\_\_. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BECK, Ulrich. **Liberdade ou Capitalismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora?** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BUZZI, Arcângelo R. **A identidade humana: modos de realização**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FREITAS, D. B. A. P. **A construção do sujeito nas narrativas orais**. In: CLIO. Revista de Pesquisa Histórica 2007. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LYONS, J. **Linguagem e linguística**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1987.
- MELLO, Heloísa Augusta Brito de. **O falar bilíngue**. Goiânia: Ed. da UFG, 1999.
- MOITA LOPES, Luis Paulo da. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **O que é linguística**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2009. (Coleção primeiros passos; 184).

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org. e trad.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

WEEDWOOD, Bárbara. **História concisa da linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.